

Reportagem Cultural

Um gaiteiro e suas lendas

Figura seminal da gaita gaúcha, Gilberto Monteiro encontra a nova geração em lançamento de single

João Vicente Ribas

Uma aura de mistério e encantamento precede Gilberto Monteiro. Lendas que circulam de boca em boca no meio nativista, como a de que o gaiteiro teria jogado no rio o seu primeiro disco, acompanham sua trajetória, há mais de cinco décadas.

Compõe sua efígie aquela fotografia em alto contraste, onde um vulto preto de barba cerrada veste um chapéu apurcado pra frente, com a gaita-ponto de fole aberto no peito. Imagem que é emoldurada com marrom na capa do LP *Pra ti guria*, de 1987, um dos maiores clássicos da música instrumental gaúcha.

Por isso, um frisson pairava no ar naquele dia 18 de agosto de 2024, no teatro do Centro Histórico-Cultural da Santa Casa, em Porto Alegre. Fãs com o bolachão embaixo do braço, cumprimentando conhecidos e desconhecidos, contavam com gosto sua história íntima relacionada àquele objeto. Fosse na entrada do espetáculo ou na saída, já com os rabiscos valio-

sos de seu autor, agregando valor inestimável, uma conexão nostálgica se realizava.

Nostalgias à parte, atualmente o santiaguense Gilberto Monteiro vive um momento especial em sua carreira. Apresentava naquela ocasião um concerto acompanhado de um jovem quarteto feminino. Ao lado da Sucinta Orquestra, formada por Clarissa Ferreira e Miriã Freitas nos violinos, Gabi Vilanova na viola e Luyra Dutra no violoncelo, lotou duas sessões do teatro e em seguida pegou um voo para se apresentar no Ceará, no festival Choro Jazz.

Embora já tenha rodado o mundo em 55 anos de estrada, a formação e a sonoridade do grupo levaram sua gaita de botão para outro lugar. Os novos arranjos mesclam a referência regional com sonoridades eruditas e contemporâneas. Foram escritos por Gustavo Garoto, que agora acompanha Gilberto ao piano e também assina em parceria duas composições inéditas. Uma delas chega às plataformas de streaming neste dia 11 de julho, o single *Kardache*.

Nesta reportagem, Gilberto Monteiro revela detalhes de algumas das lendas que o acompanham e desmistifica outras. Em entrevista ao **Jornal do Comércio**, confirmou uma personalidade de poucas e significativas palavras. Bem como o som que sai quando a gaita está conectada ao seu corpo.

A propósito, a história de que

teria se apresentado com uma alça da cordeona arrebitada procede. Em São Paulo, em 2012, não tinha instrumento reserva e precisou improvisar para terminar o show *Bailantas*, da Cisne Negro Cia de Dança. A solução, conforme recorda, foi tocar na vertical, puxando o fole sempre para cima com a alça que sobrou e voltando a favor

da gravidade, dispensando a segunda alça que havia se rompido. Ajudou naquela ocasião o biotipo atlético do artista.

Os bastidores da composição e o sucesso da circulação de algumas de suas criações são listados a seguir.

Leia mais na página central

Sete fatos sobre as músicas de Gilberto Monteiro

- **Milonga para as Missões** foi a principal faixa do LP de estreia de Renato Borghetti, em 1984. Com *Gaita Ponto*, Borghettinho ganhou o primeiro disco de ouro da história da música instrumental brasileira.
- **Milonga para as Missões** foi gravada também pela dupla sertaneja Victor & Leo, em CD ao vivo, lançado em 2006.
- **Entrevero de Alpargata**, título de uma de suas músicas mais conhecidas, era o nome do primeiro disco que Gilberto Monteiro gravou e nunca lançou. Ao receber as cópias da gravadora, não aprovou e incendiou tudo.
- **Pra ti guria** entrou na trilha do filme *Gaúcho Negro* (Jessel Buss, 1991), longa-metragem sobre as aventuras de um justiceiro mascarado, em meio a um festival de música.
- A melodia de **Pra ti guria** ganhou uma letra que veio a ser gravada somente 40 anos depois, escrita pelo argentino Ramón Ayala e também interpretada por Jorge Guedes.
- **De Lua e Sol** foi gravada após anos sendo executada ao vivo. Em 1997, lançou-a no disco homônimo, que lhe rendeu o Prêmio Açorianos de Melhor Instrumentista e de Melhor Disco Instrumental.
- Compôs seu mais novo single, **Kardache**, de improviso numa live durante a pandemia de coronavírus. A inspiração veio de uma série turca sobre o império Otomano.



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

O que devemos a Augusto Boal

Um dos mais graves problemas enfrentados pela cultura de países como o Brasil é o esquecimento e, em consequência, a ignorância e a falta de identidade. Explicando: há poucas semanas tivemos em Porto Alegre a passagem do ator Othon Bastos: quantos gente sabia quem ele era? Basicamente, os mais velhos, aqueles que chegaram a conviver o mesmo temo. Nem aqueles vinculados ao teatro sabiam exatamente quem era o ator extraordinário.

O esquecimento produz a ignorância, que, por seu lado, gera a falta de identidade. Para a gente saber quem é, de fato, precisa saber de onde vem. Ora, ao não se saber de onde vem, deixa-se de se saber quem se é. Torna-se um círculo doentio: não sei quem sou, porque não sei de onde venho. E não sei de onde venho porque não identifico minhas referências, totalmente esquecidas (o mais das vezes apagadas). E a gente vira presa fácil de mentiras e de *fake news*.

Augusto Boal nasceu no Rio de Janeiro, em 1931 (um ano após a chamada Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, um sul-rio-grandense, o leitor identifica? - dizem que os gaúchos ataram os cavalos no Rio de Janeiro...): filho de um pai-deiro, ele e seus irmãos brincavam de fazer peças de teatro em casa. Acabou estudando Engenharia Química, o que o levou aos EUA, como bolsista da Columbia University. Lá, no entanto, ele resolveu também fazer a School of Dramatic Arts, sendo aluno de John Gassner, e conheceu Tennessee Williams e Arthur Miller - este, influência de radical não só em sua obra de dramaturgia, mas como diretor de teatro (e, em consequência, como intelectual).

De volta ao Brasil, no final dos anos 1950, começa a escrever e dirigir para o teatro. Sua estreia ocorre em 1956, com a peça de John Steinbeck, *Ratos e homens*. Era uma peça humanista, ainda que nascida das experiências concretas das profundas crises e mudanças sociais dos Estados Unidos dos anos 1930 (a chamada Grande Depressão). Com José Renato e Sábato Magaldi, junta-se ao Teatro de Arena, de São Paulo.

De modo geral, as primeiras direções de Boal estão vinculadas a textos de dramatur-

gos europeus devidamente traduzidas para o português - *A engrenagem* (Jean-Paul Sartre, 1960), *A mandrágora* (Maquiavel, 1963) - até que ocorre o golpe de 1964.

Boal não titubeia. O Centro Popular de Cultura, criado no âmbito da União Nacional dos Estudantes, propunha uma reflexão crítica a respeito da cultura e da realidade brasileiras. Já antes, havia escrito textos como *Chapetuba Futebol Clube* (1959), talvez a primeira peça a denunciar a corrupção no futebol brasileiro; *José, do parto à sepultura*, sintetizava, à maneira de Brecht, a história de um trabalhador brasileiro, socialmente marginalizado. Boal juntava, à crítica contundente, a ironia e a pura brincadeira jocosa de situações vividas na cotidianidade do País.

Depois de 1964, surge a necessidade de se falar a respeito da realidade duramente silenciada: em 1965, estreia *Arena conta Zumbi*, que viria a revolucionar a dramaturgia e a encenação brasileiras. Tomando o

líder negro Zumbi como símbolo daqueles que resistiam à ditadura, Boal propunha, para a maior efetividade do espetáculo, um novo modo de representar. É o "sistema curinga", em que se abandona o estrelato do ator: todos os atores e atrizes interpretam todos os personagens alternadamente.

O personagem é caracterizado apenas por uma roupa ou um objeto. Não há um astro em cena. Há uma coletividade.

Seguem-se *Arena canta Bahia* (1965), *Arena conta Tiradentes* (1968) e *Arena canta Bolívar*. Observe-se a alternância entre o "conta" e o "canta", até porque, de certo modo, tudo nascera a partir do show *Opinião*, de 1964, que renovava a antiga fórmula do teatro de revista do século XIX: mesclavam-se quadros musicais com esquetes temáticos. A consagração nacional e internacional levaria à constituição do chamado teatro do oprimido, que se extravasou pela América Latina (Boal tinha a preocupação de aproximar o Brasil da América hispânica): quando teve de se exilar, atravessou Argentina e Chile; depois se fixou na França.

O teatro e a dramaturgia brasileiras não seriam o que são, hoje, sem Augusto Boal, que faleceu em 2009, há 16 anos. Que não o esqueçamos.

Boal juntava, à crítica contundente, a ironia e a pura brincadeira jocosa de situações vividas na cotidianidade do País



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Dois filmes

Enquanto as telas da cidade prosseguem dominadas pela rotina, alguns espaços se abrem para filmes não enquadrados em uma rotina que se coloca como uma muralha destinada a impedir a passagem de obras que pretendem dar testemunho sobre temas essenciais. São, tais espaços, abrigos para filmes destinados a fazer com que o olhar humano ilumine cenários desprezados por interesses devotados a operações destinadas a desviar a atenção do público. Os resistentes, tanto os que constroem como os que contemplam e prestigiam certos trabalhos, são certamente uma minoria, mas cujo número permite ainda que certas salas recebam um número de espectadores que permite uma certa dose de otimismo. Filmes como *Vermiglio, a noiva da montanha*, de Maura Delpero, e *Dreams*, do norueguês Johan Haugerud, que venceu o Festival de Berlim deste ano, são exemplos de obras que reúnem méritos suficientes para entrar na agenda de todo espectador mais atento. A constatação das qualidades de um filme sempre passa pela subjetividade dos que o contemplam. Mas acima disso sempre estará algo igualmente importante: a percepção de suas propostas.

E também seria uma negligência não perceber a qualidade na construção da obra.

Vermiglio transcorre numa vila italiana durante a Segunda Guerra Mundial. O mais interessante no filme é que, ao esconder dois desertores, os habitantes fazem com que os acontecimentos que sintetizam um resumo da marcha da civilização, desde o instinto até a implementação da disciplina, sejam uma síntese reveladora. O pai é a presença mais importante, até por ser, também, o professor e o orientador. A sala de aula, ocupada por crianças, jovens e adultos, é o símbolo da sociedade passando pelo processo civilizatório. Mas o pai também é vítima de forças disciplinadoras, e não apenas, a partir dos cigarros que esconde numa gaveta, algo que a nova geração acaba descobrindo.

Mas não se resume a isso o filme de Delpero. Os dois desertores pouco falam e um deles também esconde algo fun-

damental. E ao registrar o gesto de amor no epílogo do filme, a cineasta termina focalizando a vitória do mais poderoso dos instintos. Eis um filme que dispensa comentários de sua realizadora. Apenas os acontecimentos e os rituais encenados são suficientemente eloquentes para afastar simplificações. Ao focalizar uma determinada realidade, o filme focaliza não apenas estruturas e processos como também faz com que a tela seja ocupada por gestos, atitudes e comportamentos reveladores. E também não esquece de colocar em cena sonhos e frustrações.

Dreams é a última parte de uma trilogia cinematográfica, cujos primeiros títulos foram *Sex* e *Love*. Um dos prováveis mestres do diretor Haugerud, Sigmund Freud, também usou a forma de uma trilogia, quando publicou, em 1905, *Três estudos sobre a sexualidade*, que a respeito do qual o próprio autor, no prefácio,

expressou o "ardente desejo que o livro envelheça rapidamente e o que nele, uma vez, foi novidade, possa tornar-se geralmente aceito e que o que nele estiver imperfeito possa ser substituído por algo melhor". Basta acompanhar o noticiário para constatar que

essa manifestação, sincera, corajosa e de certa forma inédita, não foi integralmente atendida. Haugerud realizou seus filmes de forma a registrar o diálogo do ser humano com sua sexualidade. E o faz de forma a registrar seu encontro com forças por ele desconhecidas. É o que acontece em *Dreams* de forma a acentuar impasses.

O tema da escada gigantesca que parece levar a lugar nenhum coloca duas representantes de uma geração anterior no centro de um turbilhão, antecede o tranquilo encontro das duas ex-alunas na cena final, uma aceitação e uma manifestação de maturidade. O filme não recorre a dissertações, mas revela, na descoberta do talento literário da protagonista, que a geração de obras de arte, sendo elas autobiográficas ou não, têm como ponto de partida experiências pessoais de seus autores, nos quais a sexualidade sempre ocupa papel relevante.

Os resistentes, tanto os que constroem como os que contemplam e prestigiam certos trabalhos, são certamente minoria

fique ligado

Noite de pagode no Araújo Vianna

O ex-vocalista do grupo Jeito de Moleque, Bruno Diegues, vai se apresentar pela primeira vez no palco do Auditório Araújo Vianna (av. Osvaldo Aranha, 685) neste sábado, às 21h. O evento marca o lançamento do seu novo disco *Mais uma noite*, que conta com participações de nomes como Thiaguinho, Ferrugem e Dilsinho, do Menos é Mais. Ingressos à venda no Sympla, com valores entre R\$ 85,00 e R\$ 420,00.

O repertório mistura sucessos que marcaram gerações do pagode, como *Eu Nunca Amei Assim*, *A Amizade É Tudo* e *Teu Segredo*, com as faixas inéditas do novo trabalho, entre elas *É Louca a Volta Que o Mundo Dá*, *Curva e*



Ex-Jeito Moleque Bruno Diegues canta coleção de sucessos neste sábado

A Cara do Problema.

A apresentação de abertura fica por conta do grupo Na Sacada, que convida Showdi, Cho-

colate e a dupla Pitta & Melara da banda Se Ativa para realizar um show marcado pelo samba e pagode.

Uma orquestra a serviço de clássicos do rock

A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) apresenta, às 17h deste sábado e domingo, o recital *Rock in Concert*. O novo espetáculo, que será realizado no Complexo Cultural Casa da Ospa (avenida Borges de Medeiros, 1.501), procura ressaltar os pontos de conexão entre dois gêneros musicais pretensamente diferentes, fundindo a força do rock n' roll com a imponência da música sinfônica. Ingressos para as duas sessões já estão esgotados.

Com aproximadamente 70 vozes, o Coro Sinfônico da Ospa sobe ao palco ao lado da orquestra sob a direção de Diego

Schuck Biasibetti, para participar da performance de grandes clássicos, como *We Will Rock You* e *Bohemian Rhapsody*, ambas do grupo Queen.

Sob regência do maestro Manfredo Schmiedt, a Orquestra interpreta arranjos de sucessos do rock mundial e nacional, com ênfase no legado roqueiro da década de 1980. Entre os destaques, podem ser citadas as icônicas *Sweet Child O' Mine*, *November Rain* (ambas do Guns n' Roses), *Jump* (Van Halen) e *The Final Countdown* (do grupo sueco Europe), interpretadas pelas vozes de Beto Vianna e Rafa Gubert.

Quatro décadas de fotografia

Neste sábado, às 17h, Marco Nedeff lança seu novo livro *Sem tempo certo*, resgate dos seus 40 anos de trajetória como fotógrafo. Após autógrafos, o evento terá bate-papo com o professor Tiago Coelho, da Fluxo Escola de Fotografia.

Com edição e design gráfico de Clô Barcellos, o livro reúne fotografias analógicas em preto e branco produzidas entre os anos 1980 e 1990. As imagens são colocadas sem identificação dos personagens ou lugares, e postas em ordem aleatória para criar uma experiência imersiva.

Revivendo a Era de Ouro da música brasileira

Lucas Ricco ocupa o Bar Opinião (rua José do Patrocínio, 834) nesta sexta-feira com seu novo projeto *A Balada do Louco*, que homenageia o rock nacional dos anos 1970 e 1980. O espetáculo teatral é dedicado às pessoas que sentem saudade da chamada "Era de Ouro" da música brasileira, com a introdução de efeitos sonoros e luminosos que contribuem para o sentimento de nos-

talgia. Ingressos por R\$ 130,00, no último lote do Sympla.

No repertório, devem estar presentes alguns dos maiores hits brasileiros da época, assinados por nomes como Belchior, Elis Regina, Barão Vermelho e Legião Urbana. Além desses artistas clássicos das rádios FM, também estarão presentes sucessos de Raul Seixas, Blitz, Titãs, Cássia Eller e Lobão.

Rock gaúcho é o canal

O teatro do Sesc Alberto Bins (av. Alberto Bins, 665) inaugura, nesta sexta-feira, sua programação especial em homenagem ao Dia Mundial do Rock. Às 19h30min, o grupo Tenente Cascavel sobe ao palco do espaço para performar uma seleção de clássicos de duas bandas emblemáticas do sul do País, a TNT e a Cascavelletes. Ingressos a partir de R\$ 20,00 no site da instituição.

Formado por nomes como Tchê Gomes, Frank Jorge, Márcio Petracco e Edu K, o grupo traz músicas inéditas, ao lado

de grandes sucessos como *Ana Banana*, *Cachorro Louco* e *Amigo Punk*.

Ainda na programação, com o intuito de homenagear um dos ex-integrantes daquela por vezes considerada a maior banda de todos os tempos, o espaço também recebe o espetáculo *Rockshow - Um tributo a Paul McCartney*, com Diego Lopes & Os Dínamos neste sábado, às 19h. O repertório integra tanto sucessos da carreira solo de McCartney, quanto hits de sua trajetória emblemática com os Beatles.



Tenente Cascavel comemora o Dia Mundial do Rock no Teatro do Sesc

Agenda

- Carlos Gerbase e banda apresentam show *Replicante Apaixonado* no Ecarta Musical (av. João Pessoa, 943) no sábado, às 18h. Entrada franca, com transmissão pelo canal da Fundação Ecarta no YouTube.
- Paulinho Parada e Daniela Eloy unem choro, samba e MPB no Boteco do Zé (rua Barão do Amazonas, 856), às 20h30min de sexta-feira. Entrada gratuita.
- Gil Collares, Glau Barros, Yara Lemos e Kayke Santos homenageiam vida e obra de Jair

- Rodrigues com concerto *Festa para um Rei Negro*, na Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736), às 19h30min de sábado. Por R\$ 40,00 no Sympla.
- Gravura Galeria de Arte celebra aniversário com exposição coletiva *29/34 - 29 anos por 34 artistas* e mostra individual *Hino*, de Clara Pechansky. Abertura no sábado, 11h, com entrada franca.
- Centro Cultural 25 de Julho (rua Germano Petersen Júnior, 250) recebe o espetáculo infantil *Lilo e Stitch no Teatro* no sábado, às 16h. A partir de R\$

- 35,00 no Sympla.
- Rock n' Bira promove shows da banda autoral Tierramystica e grupos tributo a U2, Soundgarden, Aerosmith e Ozzy Osbourne no Opinião (rua José do Patrocínio, 834) no sábado, às 23h. A partir de R\$109,00, com bebida liberada, no Sympla.
- Banda Maria Bonita comemora 25 anos de forró no Fuga Bar (av. Mauá, 1.050) no sábado, às 21h. Por R\$ 25,00 no Sympla.
- Última semana de Parque do Mundo Bitá no ParkShopping Canoas (av. Farroupilha, 4.545),

- com atividades e brincadeiras para o público infantil. Até domingo, a partir de R\$ 60,00 na bilheteria presencial.
- Museu da Ufrgs (rua Eng. Luiz Englert, 333) recebe roda de conversa com mestra guarani Cláudia Borges Gomes sobre a retomada Tekoa Nhe'engatu. Sábado, às 10h, entrada franca.
- Leandro Machado inaugura, às 10h30min de sábado, exposição *Hospícios e balneários [é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança]* no Margs (Praça da Alfândega, s/n). Entrada franca.

- Café Fon Fon (rua Vieira de Castro, 22) recebe concerto com Luís Henrique New, Luizinho Santos, Nico Bueno e Martin Estevez na sexta-feira, por R\$ 40,00, e show de Paulo Dorfman e Júlio Chumbinho Herrlein no sábado, por R\$ 36,00. Shows começam às 21h. Reservas em (51) 99880-7689.
- Banda gaúcha de rock Pandora lança turnê *Rock Ballads* no teatro do Bourbon Country (av. Túlio de Rose, 80) no sábado, às 21h. A partir de R\$ 160,00 no Uhuu.

reportagem cultural

O homem fala através da música

*João Vicente Ribas

Para a apuração desta reportagem, Gilberto Monteiro fez questão de encontrar a equipe do **Jornal do Comércio** na escadaria da igreja Nossa Senhora das Dores, em Porto Alegre. Durante uma tarde de sábado, deixou-se fotografar e gravar um vídeo, em momento introspectivo.

Antes de conceder entrevista, também ensaiou em meio aos jovens músicos que hoje acompanham-no, e que trocavam comentários sobre o arranjo. Enquanto isso, Gilberto levantava o ouvido para um lado, direcionava o corpo para outro, abria o fole com intensidade para cá, fechava os olhos para lá. Sua única comunicação se dava pelas notas. Não falou uma palavra enquanto tocava.

A seguir, acomodou a gaita numa cadeira e conversou sobre sua maneira de ser. “Eu sou aqui pra ti e eu sou lá no palco, eu sou isso em qualquer lugar. Não chego lá no palco querendo falar bonito, não”, declarou.

Com entusiasmo, contou que o novo single, *Kardache*, surgiu de improviso em meio a uma *live* na



Gilberto Monteiro em Porto Alegre, com Luyra Dutra (esquerda), Gustavo Garoto e Clarissa Ferreira

pandemia: “Na época, a gente ficava muito em casa e eu acabei vendo a série *Ressurreição: Erturul*.” Gilberto se identificou com o enredo por causa de sua descendência turca, de várias gerações atrás. A

série conta a história de Erturul, pai de Osmão I, fundador do Império Otomano.

Motivado por essa composição, em 2023, o produtor Ayrton dos Anjos o convidou para viajar a

Istambul. “Eu toquei lá, fiz homenagem para São Jorge, numa manifestação na Capadócia. Mas não foi nada programado. Meu sonho é voltar, porque eu me apaixonei pela Turquia”, revela.

Encontro de gerações

Desde a primeira vez que ouviu falar de Gilberto Monteiro, o músico Gustavo Garoto percebeu que era um personagem icônico. Enquanto participava do festival da Moenda, viu um disco dele numa parede e os músicos Zelito Ramos e Leandrinho Rodrigues fizeram uma introdução. Disseram que era um instrumentista fantástico, bastante exigente, e que havia diversas lendas que permeiam o personagem. “Conheci a música dele já com essa magia toda em torno dela”, conta.

Pouco tempo depois, o produtor Leonardo Gadea fez uma ponte para que se conhecessem. “A gente se encontrou numa praça de alimentação, na Cidade Baixa, e ele apareceu todo generoso, sensível, atencioso, gigantesco”, lembra.

Logo após, Garoto convidou-o para tocar na Guarda do Embaú, onde vive. Entre idas e vindas, nasceu uma parceria inter-geracional.

“Eu chamo ele de mestre de cultura popular, como há em outras regiões do Brasil. Uma pessoa que aprendeu com o pai a tocar com os dedos de uma maneira diferente do que talvez seja convencionado, e construiu uma obra de composições muito icônicas nessa paisagem do Rio Grande do Sul, do interior de Santiago, presente na Bacia do Prata toda”, avalia.

Garoto ressalta a sensibilidade e o poder de síntese das composições de Gilberto. “Bastante refinada, calcada no folclore, num imaginário de conexão com a terra”, conclui.



Monteiro em frente à mesquita de Santa Sofia, em Istambul, Turquia (2023)

Parceria com Lucio Yanel e Jayme Caetano Braun

Junto ao violonista argentino Lucio Yanel, formou dupla durante anos. “Conheci Gilberto em 1982, na casa de Algacir Costa, em Passo Fundo. Fomos empáticos um com o outro. Aos poucos, de maneira natural, começamos a tocar juntos”, recorda Yanel. Mesmo com uma trajetória extensa, não chegaram a

gravar um disco para formalizar a união artística. “A nossa caminhada juntos é longa e benéfica nos quatro costados”, declara.

O parceiro de Corrientes, que veio para o Rio Grande do Sul e se tornou um dos principais nomes do violão pampeano, considera o “toque” de Gilberto Monteiro

“uma caixa de ressonância de um sem fim de sentimentos que se aninham num virtuoso da estirpe dele”.

Lucio Yanel orgulha-se das apresentações com Gilberto acompanhando o pajador Jayme Caetano Braun, como uma confluência de grandes artistas. Há um vídeo

no site oficial do gaitero, com o trio se apresentando em Pelotas, em que o poeta declama: “Missioneiro como eu/ É a glória do nosso pago/ Ele na verdade é um mago/ Parece que não tem dona/ Nem tampouco se emociona/ Porque enfrenta o desafio/ E nestas noites de frio/ Dorme dentro da cordeona”.

A milonga mais tocada

Renato Borghetti rememora a convivência no CTG 35, quando Gilberto Monteiro estava sempre na volta. Então já conhecia *Milonga para as Missões* antes de decidir gravá-la, mas precisou aprender a tocá-la. “Naquela época, era tudo de ouvido”, pontua. Contudo, teve uma facilidade, pois além de contar com a ajuda do autor, havia aquela primeira gravação, do disco do programa *Fogo de Chão*, em que Gilberto utilizou uma gaita emprestada de Borghetti.

O restante da história é conhecido. Após o sucesso de vendas do disco *Gaita Ponto* (Som Livre, 1984), *Milonga para as Missões* até hoje é o carro-chefe dos shows de Renato Borghetti. “Para mim é um prazer, é uma honra. Eu fico muito feliz com isso, porque de repente tu crias um tema, tu serves de ponte para criar uma onda musical”, afirma Gilberto.

Já Borghetti comenta que é muito difícil prever qual composição irá cair no gosto do público. “Tem algumas músicas que têm algo especial, mas não dá pra saber o porquê. Têm um algo a mais, mas nenhum estudo comprova porque isso aconteceu.”

Um indicativo da força das composições de Gilberto surge no projeto Fábrica de Gaiteiros, do qual Borghetti participa e onde ensinam música a crianças de 7 a 15 anos, em 25 unidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Uruguai. “O nosso ensino não é direcionado para elas serem profissionais. Podem vir a ser, mas o trabalho é muito mais voltado pra formação da cidadania. Então elas são livres pra escolher o repertório e muitas escolhem *Prelúdio de um beija-flor, Prati guria*, entre outras do Gilberto Monteiro”, conclui.

Apesar da forte ligação, a única vez que os dois gaiteiros tocaram juntos foi no Santander Cultural, em 2004. Ensaaiaram duas vezes e definiram o repertório, junto ao violonista Marcello Caminha, promovendo um encontro inédito, cheio de improvisações e que nunca se repetiu.

O gaiteiro que inventou asas

Gilberto Monteiro ganhou um episódio só seu na série *O Milagre de Santa Luzia: Especial Gaúchos* (Sergio Roizenblit, 2012). Figura, assim, no rol dos gaiteiros de referência, ao lado de Adelar Bertussi, Bagre Fagundes, Telmo de Lima Freitas, Luiz Carlos Borges, Luciano Maia, Bebê Kramer, Albino Manique, Edson Dutra e Renato Borghetti, também contemplados no documentário apresentado pelo pernambucano Dominguinhas.

Na produção audiovisual, revela que seu sonho era ser piloto aviador. “Até cheguei a inventar umas asas de couro de cavalo”, disse.

Esse desejo de voar o levou ao alistamento na Base Aérea de Canoas, em 1972. Enquanto cumpria o serviço militar, ainda tinha tempo para abrir o fole na Capital. “Saía lá da base aérea e vinha tocar aqui no Teatro Renascença e nas peñas do CTG 35 nas quartas-feiras”, lembra.

A bordo dos aviões de carga tipo Douglas, que eram testados na base da Aeronáutica, levava a gaita. “Eles me convidavam e eu vinha tocando por cima do Porto Alegre”, recorda. Desta forma, o sonho de pilotar foi ficando em segundo plano, enquanto a música começava a levá-lo longe.

Seu primeiro contrato profissional foi proporcionado pelo



Capa do single *Kardache*, gravado com Sucinta Orquestra e Gustavo Garoto

poeta Marco Aurélio Campos, via a antiga Empresa Porto-Alegrense de Turismo (Epatur), para um show no Parque Anhembi, em São Paulo. Naquele show, *Milonga para as Missões* já integrava o repertório.

Foi quando o programa de televisão *Fogo de Chão* (TV Difusora, depois Bandeirantes), com apresentação de Carlinhos Castilho e José

Antônio Daudt, fez uma seleção de músicas. “Botaram minha milonga de abertura. Era final dos anos 70. Quando eu saía por aí tocar, já era muito benquista, mas, quando eu gravei pro programa, estourou. Quando eu rasgava e tocava, era um balaço, uma loucura. Depois o Renato gravou pela Som Livre e estourou a nível nacional”, relata.

Acompanhado de um quarteto feminino

As gurias da Sucinta Orquestra consideram Gilberto Monteiro uma grande referência cultural. Miriã Freitas recorda que era estudante de violino, quando tocou *Milonga para as Missões* pela primeira vez, aos 10 anos de idade. “Então, poder conhecer o compositor de perto, de uma obra que é tão marcante pra nossa cultura, é muito gratificante”, afirma.

A violoncelista Luyra Dutra, que é de Minas Gerais, também aproveita essa oportunidade. “Eu acredito ser revolucionário, não só por ser um quarteto de cordas, acompanhando neste estilo musical, mas um quarteto formado por mulheres”, conclui.

Já a violista Gabi Vilanova revela que executa arranjos para as composições de Gilberto

Monteiro desde os 17 anos, sem nunca tê-lo conhecido. “Agora, ter essa experiência sublime de uma profundidade na música gaúcha, pra mim tem sido muito importante. Eu sou compositora também e daí vejo essa raiz. Parece o tronco das árvores de onde tudo tem sido reverberado. O Gilberto é essa estrutura”, conclui a musicista.

Jogou ou não jogou no rio?



Com a Sucinta Orquestra e Gustavo Garoto, no CHC Santa Casa (2024)

O primeiro disco do catálogo de Gilberto é *Pra ti guria*, de 1987. Mas não foi esse o primeiro que gravou. “Foi um horror, porque eu fiz a gravação e veio de São Paulo tudo errado. E eu não lancei”. O caso rendeu uma das suas lendas famosas, de que teria jogado no Guaíba as cópias do vinil. Gilberto esclarece: “Não joguei no rio. Fiquei com tanto nojo que queimei antes do Guaíba ali os 50 discos que vieram. Cheguei antes de atravessar a ponte, botei umas pedras, uns jornais, toquei o fogo, queimei tudo. Chegou até a polícia

pra ver o que estava acontecendo”.

Depois do ocorrido, o produtor Ayrtton dos Anjos levou Gilberto para gravar em Buenos Aires, com participação luxuosa dos argentinos Antonio Tarragó Ros e Raulito Barboza. Virou o clássico *Pra ti guria*, lançado em LP e K7 pela Continental.

Naquele momento, já havia vencido a 16ª Califórnia da Canção Nativa, como melhor instrumentista, defendendo duas composições premiadas: *Quati-Mundéu*, ao lado de Juliano Javoski, e *Provinciano*, ao lado de João de Almeida Neto.

Família de tocadores

O instrumento que Gilberto Monteiro toca é o acordeon diatônico, conhecido no Rio Grande do Sul como gaita-ponto, gaita de botão, de oito baixos, ou ainda gaita “de voz trocada”. Emite as notas musicais a partir de um sistema de botões, em vez de teclas como nos acordeons cromáticos. Cada botão gera dois sons distintos, dependendo da direção do movimento do fole.

A gaita chegou ao sul do Brasil pela mão de imigrantes italianos e alemães, aquerençando-se num processo de tradição oral, passando de pai pra filho, bem como ocorreu com Gilberto, que aprendeu com seu pai Alexandre.

Nascido em 7 de janeiro de 1953, em Santiago (do Boqueirão - como gosta de frisar), na região missioneira, Gilberto Andrade Monteiro aprendeu a tocar gaita cedo. “Na minha família, a maioria é músico de campanha. A Francisca Cezimbra Monteiro, que tocava muito para a alta cúpula de Santa Maria na época, nasceu em 1853. Eu, em 1953, cem anos depois”, orgulha-se. Sua bisavó Francisca era prima do militar João Cezimbra

Jacques, um dos precursores do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Desde Santiago, já compunha. Foi lá que começou a criar *Milonga para as Missões*, por volta dos 14 anos. “É uma coisa maravilhosa, que surge, que vai dominando a gente. E eu sempre tive isso aí comigo”, conta.

Sobre seu estilo musical, diz não se preocupar muito. “Eu sou o que eu sou. Eu faço a música que eu faço. Quando sinto que a maré não está pra peixe, eu fico na minha. Eu não me atiro nas varas da porteira. Senão tu já viu, vais acabar te estropeando”, avalia.

Sua ponderação não o impediu de rodar o Brasil e o mundo. Entre 1994 e 1995, formou um quinteto com músicos argentinos, os irmãos Acuña, e passou sete meses no Paraguai. A partir do projeto Sonora Brasil do Sesc, rodou o País entre 2011 e 2012, participando da edição Sotaques do Fole. Apresentou 118 shows, acompanhado de Eduardo Cantero (violão) e Fernando Gorrie (percussão), interpretando repertório próprio, temas folclóricos e composições de Tio Bília, mestre popular missionário.



Em apresentação ao lado de Gustavo Garoto, no Café Fon Fon em Porto Alegre



Discografia

- » Pra Ti Guria (1987)
- » De Lua e Sol (1997)
- » Pra Ti Guria Ao Vivo (2020)
- » Clareando No Rancho (2022)



Reencontro entre povos indígenas

ticos e à chegada da internet nas aldeias, Sueli localizou o pai com ajuda de duas primas, e logo depois iniciou a construção do filme como forma de concretizar esse reencontro. Falado nas línguas maxakali, kaiowá, guarani e português, o longa é atravessado pelos cantos tradicionais destes grupos, enfocando também as lutas enfrentadas por eles em defesa de seus territórios e de seus modos de vida.



Desenvolvido por sua filha Sueli, filme conta a história do guarani Luiz Kaiowá

Nova sessão do Cinepsiquiatria

O projeto Cinepsiquiatria - Cinema e discussão retorna ao Praia de Belas Shopping (av. Praia de Belas, 1.181) neste sábado, às 10h30min, para uma sessão do filme *Pecadores*, do diretor Ryan Cooger. A iniciativa é promovida pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e pela Associação de Psiquiatria Cyro Martins (CCYM), com o obie-

tivo de unir discussões sobre arte e saúde mental. Após a sessão, o público é convidado a participar de um debate conduzido por especialistas em psiquiatria e saúde mental, para destrinchar particularidades psicológicas das personagens que protagonizam o filme. Ingressos a partir de R\$ 17,00 no site do GNC.

Último longa de José Barahona

Último filme assinado por José Barahona, *Sobreviventes* conta a história de um grupo de náufragos forçados a aprender a sobreviver isolados em uma ilha deserta no século XIX. Embora inteiramente ficcional, o filme ainda carrega a marca do cineasta, que acreditava que “há muito de documentário na

ficção, e muito de ficção no documentário". Em sua trama, protagonizada por personagens brancos e negros, *Sobreviventes* mergulha nas consequências da escravidão e do colonialismo português, dois temas centrais na trajetória artística de Barahona, realizador português falecido no final do ano passado.

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Líder do Movimento Modernista no Brasil		Em estado rudimentar (fem. fig.)		Estéril; improdutivo				Personagem de Rabelais	Ocupantes ilegais de terras	
Essência extraída de certo cervideo				Brinquedo de vaivém de origem filipina				Acidente	geográfico típico da Galícia	
Programa que cria perfil falso nas redes					Vexei; constrangi				Raio (símbolo)	
Mineral formador do sal de cozinha		Queijo de quiches							Pequenas matérias de revistas	
		Doutor (abrev.)			Ecoa; retumba			As duas primeiras vogais do alfabeto		
				Enguiço por falta de gasolina no carro		"O Meu (?)", sucesso de Chico Buarque				
Pátio de igrejas		Principal liga profissional de basquete				A moda inspirada no saudosismo				
Pelica de bolsas				"(?) Catrineta", de Rubem Fonseca				Irwin Shaw, autor teatral dos EUA		
						Ovo, em inglês				(?) do Sacramento cidade do Uruguai
Diz-se de planta sem espinhos		Autoridade máxima de uma universidade		Tempero consumido em demasia		Saudação telefônica		Na (?): deprimido (gíria)		
							Chão "Seja (?)", mural do Kobra (SP)			
Antiga medida de peso equivalente a 16 onças			Parte do útero vulnerável ao câncer provocado pelo HPV						Crustáceo decápode apreciado em risotos	
Controle alimentar			Viagem, em inglês		Mamífero do Ártico, predador de focas					
			Luís Sonza: gravou o álbum "Doce 22"		Partícula de nomes escoceses Enxerguei		Izabella Camargo, jornalista brasileira			
Aposta, em inglês	Tonalidade de verde					Palmeira da qual se extrai manteiga				
	Qualidade necessária ao bom detetive									

BANCO 3/bet — egg — iri. 4/trip. 6/inorme. 7/arratel. 10/pantagruel.

19

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinacoquetel.com.br

Acesse
nosso site!

CO
QUETEL

@assinacoquetel /assinacoquetel

Solução

P	E	R	S	P	I	C	A	C	I	A
		O	L	I	V	A		I	R	I
B	E	T	R	A		M	Z		I	N
D	I	E	T	A		U	R	S	O	
		A	E		C	O	L	O	L	
A	R	R	A	T	E	L		S	O	
	D	I		S	A	L		P	O	C
I	N	E	R	M	E	G	G		O	
N	A	P	A	N	A	U		I	S	
A	D	R	O		P			R	E	I
S	O	D	I	O		A		G	U	R
	I	R	I		C	O	T	A	L	
R	O	B	O		I	N	I	B	I	
A	L	M	I	S	C	A	R	R		
M	E		O	P				G		

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: A participação social é agora bem importante para você. Seja mais camarada com seus amigos, esteja perto deles e colabore com o seu melhor. Mude sua afetividade com eles.

Touro: Sua intuição pode ser bastante útil nas decisões de trabalho. Há mudanças de vista nos projetos futuros, em nome de se adaptarem melhor à realidade na qual está inserido.

Gêmeos: As relações de trabalho serão mais satisfatórias se houverem pequenas mudanças, capazes de renovar sua atividade e você se tornar novamente motivado para ela.

Câncer: Você sente intensa afinidade com algum bem ou situação material. Pode haver um fascínio, até mesmo de maneira inexplicável. Procure se organizar em suas lidas práticas.

 **Leão:** Você se aflige com barreiras na relação a dois, mas estas indicam pontos a serem modificados. Mudanças na visão de seu trabalho, da orientação que pretende dar a ele.

Virgem: A sensibilidade se dirige ao trabalho, relações de trabalho e atividades de sua predileção. O momento favorece coloca mais sentimento, mais intensidade e motivação.

Libra: É preciso mudar algo na rotina da vida amorosa, para as coisas andarem melhor. Encontre uma maneira de viver mais intensamente ao lado de seu amor.

♏ Escorpião: Mudar seu roteiro do dia em nome de alguma necessidade familiar pode fazer com que se sinta bem. Aprimore sua comunicação, fazendo esforços decididos por conta disso.

 **Sagitário:** A satisfação com as condições materiais de vida deve ser procurada de maneira ativa e decidida. Você pode estar bem agitado por conta da situação no ambiente de trabalho.

Capricórnio: Momento certo para você mostrar objetivamente seus melhores talentos e qualidades. Lua e Plutão favorecem reformar seus objetos e bens materiais.

Aquário: Momento de tensão interna, com algo se agitando nos sentimentos. Lute para superar esse estado. Procure saídas positivas. Encontre a melhor solução para o momento.

Peixes: Bom momento para você reformar o que não vai bem em sua interioridade e para lidar com as dificuldades físicas, materiais e emocionais. Invista seu melhor para melhorar.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

A Idade Média vista pelas mulheres excluídas

A Idade Média - chamada de Idade das Trevas - ainda é vista como uma época sangüinária, de vikings, santos e reis: uma sociedade patriarcal que oprimia e excluía as mulheres. Estudando e observando melhor, se notará que o período não foi sombrio.

Femina (Editora Planeta, 416 páginas, R\$ 94,00), *best-seller* internacional da professora, escritora, pesquisadora e apresentadora Janina Ramirez, em síntese apresenta, com grande apoio em documentos, leituras e pesquisas, uma nova história da Idade Média, através das mulheres que ficaram de fora dela.

Janina foi atrás das mulheres relevantes na Europa medieval, porque é claro que elas existiram. Janina muda o foco para examinar a Idade Média e vai muito além dos registros oficiais para revelar o verdadeiro impacto de mulheres como Jadwiga, a única rainha mulher

da Europa; Margery Kempe, que explorou sua imagem e história para garantir sua notoriedade; Hildegarda de Bingen, a maior sábia e polímata medieval; e Birka, uma guerreira viking cujo esqueleto havia sido atribuído a um homem, entre outras.

Janina desenterrou documentos históricos onde nomes de mulheres influentes estavam riscados com a palavra femina anotada ao lado. Janina mostra como foram as queimas de livros e a destruição de obras de arte para criar novas versões de mitos, lendas e registros. Os guardiões do passado tentaram manipular nossa visão da Idade Média, mas livros como o de Janina estão aí para novas visões da História e para lidarmos com as questões presentes.

Janina, na introdução, escreveu que não está reescrevendo a história e que usa os mesmos fatos, números, eventos e evidências que estavam aí para



abordar o passado por meio das vidas e histórias de mulheres. Ensina Janina que mudou o foco, colocando personagens femininos, em vez de masculinos, no enquadramento. Como se vê, um livro ousado, original e realizado para encontrar perspectivas inovadoras e ignoradas.

e palavras...

BARÃO DE ITARARÉ NUMA HORA DESSAS?

Definitivamente, para não surtar de vez nessas horas nacional e mundial, só lembrando o saudoso Barão de Itararé, na vida real Aparício Fernando de Brinkerhoff Torelly (1895-1971). Itararé foi uma operação militar planejada durante a Revolução de 1930, que terminou sem confronto, bem à moda brasileira. Torelly, com seu título de nobreza *fake*, homenageou, com sua generosidade, para a posteridade a pompa militar e as falsas grandiosidades da política.

O Barão, nascido em Rio Grande, é o vovô mais querido, inteligente e hilário do humor político no Brasil. Por suas sátiras, ironia, inteligência e ideias políticas, foi preso várias vezes. Numa delas levou uma surra quando estava em Cannes. Quando voltou para a redação do seu lendário jornal *A Manhã*, colocou, com cautela e esperança, na porta, o aviso: "Entre sem bater". Não deve ter adiantado. O aviso deveria seguir atual como o Barão, nesses tempos em que piada pode colocar humoristas no xilindrô.

O Barão não era de "centro" e nem de "centrão", mas disse, com sabedoria matreira, só de brincadeira: "Haja o que houver, aconteça o que acontecer, estarei sempre ao lado do vencedor". "Negociata é todo bom negócio para o qual não fomos convidados", "Política é a arte de obter votos dos pobres e fundos dos ricos, prometendo proteger uns dos outros", "A injustiça, num lugar qualquer, é uma ameaça à justiça em todo lugar", "A única coisa que cresce no Brasil é o anão", "A televisão é a maior maravilha da ciência a serviço da imbecilidade humana", "Não

é triste mudar de ideias. Triste é não ter ideias para mudar", "A dúvida é o preço da inteligência", "Quem não muda de opinião é idiota ou está morto", escreveu o Barão.

Nem me pergunte se o Barão é atual. Ele e seus aforismos, frases, mínimas e máximas estão vivos e fulminantes como o sol desta manhã. Disse ele: "Há chácaras que evoluem até chegar ao estado de sítio", "Este é um país que vai pra frente. O problema é que estamos de costas", "Há algo no ar além dos aviões de carreira", mais frases do homem que deve ter perdido muitos amigos, mas com certeza ganhou muitas piadas. O Barão chegou a ser eleito vereador do Rio de Janeiro, mas foi cassado meses depois, após seu partido, o Partido Comunista, ter sido declarado ilegal.

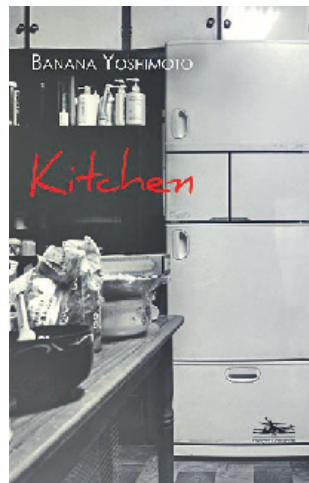
Desde a cassação, 1948, até morrer em 1971, com 76 anos, adoentado, sem medalhas, sem mansão e sem dinheiro e ser velado e enterado com dignidade, na companhia de amigos, colegas de imprensa, pessoas "comuns" e celebridades, o Barão trabalhou, escreveu e deixou uma última piada: "Se for verdade que há vida após a morte, vou tentar publicar um jornal lá também. Mas, por via das dúvidas, deixei umas charges prontas aqui."

Barão foi, mas ficou. Riu por último. Ficou na boca dos descontentes, nas pautas dos cronistas, na internet que ele não conheceu. Morreu sem pompas fúnebres, discurso de político e carro oficial. Sua herança foi a saudável rebeldia, a graça que colocava onde não havia graça e a velha receita de que rir é o melhor remédio.

lançamentos

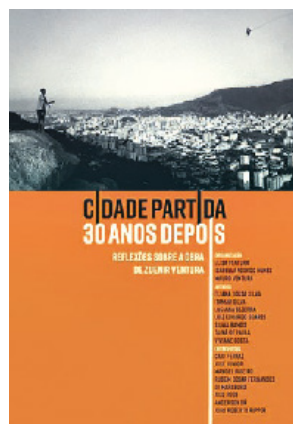


► **Coleção Dose Única: Martha Medeiros e Luis Fernando Verissimo** (Editora Vitrola, R\$ 119,90) traz, reunidos num box, em dois volumes de 94 páginas cada, textos e poemas dos dois grandes escritores e cronistas, em edição encadernada, com belas e modernas ilustrações em cores de Daniel Kondo e de Luis Fernando Verissimo.



► **Kitchen** (Estação Liberdade, 176 páginas, R\$ 56,00), de Banana Yoshimoto, romance lançado originalmente em 1988, foi o ingresso da autora como um dos maiores nomes da literatura japonesa atual. Na narrativa a jovem órfã, na cozinha, convida-nos a abraçar a nossa solidão. No volume está também o conto *Moonlight Shadow*, tratando de luto e do último adeus.

► **Cidade Partida – 30 anos depois** (Editora Pallas, 224 páginas, R\$ 63,00), com organização de Elisa Ventura, Isabella Rosado Nunes e Mauro Ventura, traz artigos e entrevistas sobre o antológico livro *Cidade Partida*, do grande escritor e jornalista Zuenir Ventura. O Rio de Janeiro, suas belezas, suas feiuras, suas inseguranças, caminhos e descaminhos são abordados com paixão, objetividade e intensidade.



a propósito...

Sempre vou lembrar do que o grande escritor, jornalista e ativista político israelense Amos Oz, grande pacifista, disse em Porto Alegre: as melhores pessoas são as curiosas e as bem-humoradas. Fanáticos, radicais e mal-humorados não interessam. Só interessam para a que a gente veja como é que não devemos ser, pensar e agir.

São exemplos negativos, seres que contaminam a vida, as relações e o planeta. Melhor ser Charlie Chaplin, chorar das próprias dificuldades e trapalhadas disfarçando as lágrimas na chuva e seguindo adiante feito um Johnnie Walker, na direção do infinito. Obrigado por tudo Barão, mestre, muso e inspirador. (Jaime Cimenti)

pensando cultura

Por que obras de Caravaggio, mestre da luz e do drama, permanecem tão atuais

“Shhh!” De tanto em tanto, a onomatopeia ecoa pelas salas cheias, instando os visitantes a calarem sua comoção diante das pinturas. Mas não estamos numa das muitas igrejas romanas pródigas em arte, as quais os seguranças nos lembram o tempo todo serem lugares de respeito. Estamos no secular Palazzo Barberini, em Roma. O objeto da atenção, como explica Francesca Angiolillo para a Folha Press, tem status sagrado - uma reunião de 24 quadros de Michelangelo Merisi, o Caravaggio.

Com 400 mil visitantes e ingressos esgotados em maio, a exposição *Caravaggio 2025*, que terminaria neste domingo, ganhou duas semanas extras para acomodar as marés de interessados em ver as obras do mestre do *chiaroscuro*.

A agitação é justificada. A mostra não só reúne mais de um terço da obra conhecida do artista como coloca no mesmo espaço exemplares que estão dispersos pelo mundo ou, em alguns casos, vedados aos olhos do público. A seleção cobre a breve trajetória do artista, desde o *Autorretrato em Vestes de Baco*, primeira tela de sua carreira solo, de 1595, até seu último quadro, *Martírio de Santa Úrsula*, pintado pouco antes de ele morrer, aos 38, em 1610. A última exposição desse porte dedicada a ele foi há 15 anos, também em Roma.

A antiga residência de Maffeo Barberini, que se tornaria o papa Urbano VIII, compõe com o Palazzo Corsini, do outro lado do Tibre, as Gallerie Nazionali d'Arte Antica. Na sua coleção, têm destaque obras dos séculos XVI e XVII, de artistas como Rafael, Tintoretto, Holbein e, claro, Caravaggio. Ainda assim, foi preciso um *tour de force* para montar a exposição. “Caravaggio é a estrela de todos os museus, motivo pelo qual é difícil obter empréstimos”, diz Thomas Clement Salomon, diretor das Gallerie Nazionali d'Arte Antica e um dos curadores da mostra. “Muitos quadros que tomamos emprestados eram a obra mais importante daquele museu.”

Entre as obras selecionadas, há exemplares que foram da coleção Barberini e “voltam ao lar”. É o caso de *Santa Catarina de Alessandria*, vendida há nove décadas e hoje no acervo do Thyssen-Bornemisza, de Madri, e novidades como o retrato de Maffeo Barberini, que nunca havia sido exposto.

Cinco pinturas vêm dos Estados



Judite e Holofernes é uma das obras de Caravaggio concentradas em exposição histórica no Palazzo Barberini

Unidos, e quatro delas se encontram distantes do circuito turístico - só uma, *Concerto*, vem de Nova York. É, aliás, a única tela que não estará na prorrogação. Algumas obras, ainda, são de coleções privadas, caso do *Ecce Homo*, fora da Itália desde o século XVII. Antes de ser atribuído ao italiano, em 2021, o quadro por pouco não foi a leilão com lance inicial de R\$ 9.500,00. Como referência, os valores de seguro de uma obra de Caravaggio, segundo Salomon, chegam a US\$ 250 milhões.

No teto de um espaço particular, o Casino di Villa Boncompagni Ludovisi, está o único afresco de Caravaggio, *Júpiter, Netuno e Plutão*, acessível a visitantes com ingresso da mostra aos sábados e domingos, mediante reserva.

Também privada é a *Conversão de Saulo*. O quadro foi pintado sobre suporte nobre, uma prancha de cipreste, para a capela Cerasi. Mas a obra atualmente na igreja de Santa Maria del Popolo é uma segunda versão, bem diferente, que Caravaggio fez por motivos jamais esclarecidos. O principal fator de distinção é a carga dramática. Na tela exposta na igreja, Saulo está no chão, os braços para o alto, recebendo a luz que vem dos céus. Ao fundo, um homem aparentemente indiferente segura seu cavalo.

No quadro da mostra, não temos só a iluminação divina, mas

o próprio Cristo, amparado por um anjo. A luz banha a cena em diagonal, cegando Saulo, que cobre o rosto com as mãos. Ao fundo, há um cavalo e um soldado armado, ambos espantados.

Essa é uma obra que deixa clara a marca à qual Thomas Clement Salomon atribui a atualidade do artista. Se ele consegue capturar a fragmentária atenção contemporânea, opina ele, isso tem a ver com o fato de que pintava o real. Em primeiro lugar, porque usava modelos verdadeiros - entre os quais ele próprio, autorretratado em várias telas, amigos e outras pessoas de seu círculo, que fazem as vezes de deuses mitológicos e personagens bíblicas. Porém, além de não pintar “figuras idealizadas”, o que ele realiza também não são “retratos estáticos”. Em suas telas, temos cenas colhidas “no ápice do drama”.

A *Conversão de Saulo* é só um exemplo. Salomon, o curador, lista outros, como o *Martírio de Santa Úrsula*, no qual vemos a vítima recém-flechada em choque, olhando o peito ferido. Ou *Judite e Holofernes*, em que a viúva sedutora surge em plena decapitação do general assírio; tensa, a velha criada espera para colher a cabeça. “É fotográfico. Não há nada que não seja real nas pinturas de Caravaggio, ou quase.”

A mostra percorre os 15 anos de atividade do artista, desde que

chega a Roma, vindo de Milão. Depois de um período contratado para pintar flores e frutos no ateliê de Giuseppe Cesari, o respeitado Cavalier D'Arpino, resolve tentar a vida por conta própria. A decisão vem depois de se sentir abandonado pelo empregador ao ser hospitalizado. Assim nasce o marco zero de sua obra, o autorretrato como Baco, conhecido também como *Pequeno Baco Doente*, a pele esverdeada denotando o estado de saúde. O quadro está no início da exposição, próximo ao famoso *Narciso*, de autoria atualmente questionada.

Caravaggio logo cai nas graças do cardeal Del Monte, que se torna seu protetor. Para ele pinta, por exemplo, o *Concerto*. Em pouco tempo, começam a aparecer as comissões públicas, representadas na mostra pela *Conversão de Saulo*. Salomon afirma que não solicitaram nenhuma tela a igrejas, na expectativa de que o visitante vá ver essas obras *in loco*.

É a partir das obras sacras que a tensão das cenas se amplia. Na sala seguinte, além de *Judite e Holofernes*, vemos *Marta e Madalena* e *Santa Catarina de Alessandria*. Para essas obras, a modelo teria sido a cortesã Fillide Melandroni, uma figura do submundo que o artista frequentava. Caravaggio era chegado ao escândalo - o burburinho que enche as salas já o acompanhava

em vida.

“Há um tal Michelangelo da Caravaggio que, em Roma, faz coisas notáveis”, escreveu ainda em 1604 o escritor e pintor flamengo Karel van Mander. De acordo com Mander, Caravaggio não reconhecia mestres nem era afeito à labuta, trabalhando por duas semanas e vadiando por um mês ou dois, “indo de um jogo de bola ao outro, muito inclinado a duelar e a arrumar brigas”.

Numa dessas ocasiões, sela seu destino. Em 1606, depois de uma partida de *pallacorda*, um antepassado do tênis, mata seu oponente, Ranuccio Tomassoni. Condenado à morte, foge para o sul. Em Nápoles, encontra proteção e trabalho. Suas obras, observa Salomon, se tornam então “muito mais meditativas”. Em *Davi com a Cabeça de Golias*, ele se retrata não como o herói, mas como o gigante decapitado.

Em busca do perdão papal, procura se tornar cavaleiro da Ordem de Malta. Mas arruma um novo litígio e volta a fugir - o *Retrato de um Cavaleiro de Malta* é o testemunho da tentativa. Quando chega a notícia de que teria obtido a graça do papa Paulo V, o artista tenta voltar para Roma. Morre a caminho, levando consigo as obras com que pretendia presentear o pontífice.

Essa trajetória atribulada, admite Salomon, também contribui para o fascínio duradouro de Caravaggio. “Ele teve um grande sucesso em vida, foi muito copiado no século XVII, mas foi totalmente esquecido no neoclassicismo. Ele foi ignorado por dois séculos ou mais.” Esse longo abandono alimenta a crença de que ainda haja tesouros escondidos e faz com que ele seja hoje muito estudado, acrescenta o curador. “Ele fez muitos retratos e só temos certeza sobre três ou quatro. Pode haver muitas pinturas no norte da Itália que não conseguimos atribuir a Caravaggio porque construímos uma determinada ideia dele”, diz.

Uma boa amostra das muitas análises que a obra de Caravaggio suscita está no catálogo da mostra, que não se resume a registrar as pinturas expostas. O livro reúne estudos sobre temas tão distintos como a revalorização de sua obra pela crítica, sua religiosidade e sua técnica pictórica. Em alternativa à mostra, oferece uma bela imersão na obra do artista. A publicação está em pré-venda na Amazon por R\$ 184,77, com expedição a partir de agosto.